

APOSENTADORIA DO MINISTRO PAULO GALLOTTI

NILSON VITAL NAVES*

Ministro do Superior Tribunal de Justiça

O início de maio trouxe consigo algumas surpresas. A América recebeu, com apreensão, o anúncio de uma aposentadoria precoce. Lá na Suprema Corte, David Souter, voz progressista daquele órgão, juiz de nervos modernos, comunicava, de forma inusitada, em plena maturidade intelectual, a decisão de deixar a judicatura. Aqui, nós é que fomos surpreendidos com a notícia de que Paulo Gallotti também se despediria do Judiciário. Ouvimos a imprensa noticiar que a 6ª Turma deste Tribunal perderia um dos seus membros mais experientes. Era lá, como cá, aposentadoria antecipada – antecipadíssima. Lá, foi o que a imprensa mundial relatou, questionava-se como alguém com seus apenas 71 anos de idade iria despedir-se da tão poderosa, e tão reverenciada, e tão ativista, e tão prestigiada Suprema Corte. O episódio causou espécie!

Se separa esses dois fatos alguma distância, de uns milhares de quilômetros, digamos assim, entre eles, todavia, não deixa de haver boa dose de proximidade pelo sentimento que provocaram lá e cá. Se lá perdendo estão, antecipadamente, alguém de tanta experiência, aqui no Superior Tribunal, também estamos nós: Gallotti nos deixa em fase de notória produtividade. Os anos de judicatura fizeram-no aproximar-se, cada vez mais, da essência do juiz, e isso me traz à memória a conhecida frase do grande dissonante Wendell Holmes, também juiz, que se despediu da Suprema Corte americana, vejamos, aos 91 anos de idade, limado pelo tempo: “The life of the law has not been logic, it has been experience” (“A vida da lei não é a lógica, é a experiência”).

Foi na altura desses altíssimos, de lá e de cá, que encontrei inspiração para hoje referir, neste colegiado, a antecipada despedida do Ministro Paulo Gallotti – contingências da vida essas, não? Tarefa fácil,

diria, em se tratando das infinitas referências, sempre boas, com as quais poderia eu ir aqui tecendo meu texto até dar-lhe, imaginei, o tamanho do grande espírito e do imenso coração de Gallotti. Que pretensão a minha! Impossível! De tantas que são as qualidades, vejam, jamais caberiam nestas aligeiradas linhas. Difícil tarefa, porém, bem difícil tarefa quando penso no colega de trabalho diário entre livros e processos (na fadiga de nossos afazeres sob o sol), de alguém com quem dividimos bons anos de nossa vida (presente dos deuses? Penso que sim, mas daquele a que se referiu o outro Paulo, o apóstolo, no areópago).

Fiquei a pensar nas leis da vida e do tempo, o tempo que foi, aquele que é. Destino nosso, de todos os homens, melhor dizendo! Foi sempre assim, e foi assim que, um dia, vão-se aí alguns anos, em sessão solene do Tribunal Regional Eleitoral de Santa Catarina, ouviu-se, em homenagem ao Gallotti pai, emocionante declaração:

Não tenho dúvida de que o maior prêmio que o eminente Desembargador José do Patrocínio Gallotti recebeu na sua trajetória como Magistrado foi, sem dúvida, o trajeto de seu próprio filho, a maior expressão da Magistratura de Santa Catarina, com assento no Superior Tribunal de Justiça...

É... “Geração-que-vai e geração-que-vem/e a terra durando para sempre”. Os filhos são assim: como flechas numa aljava. Afortunado o Desembargador Patrocínio Gallotti, que, com a força de seu exemplo, soube bem transmitir o legado de sua possante história e bem lançar o filho na vida. Que longo alcance! Da linhagem de juiz, Gallotti filho herdaria do pai o nome e o caráter e seguiria a mesma trajetória. Alguém duvida de que essa paixão pela Justiça e pelo Direito esteja no sangue? Hereditariedade? Seria essa a palavra exata? Seja lá o que for, aqui vale o velho ditado: tal pai, tal filho. Essa é a glória que fica, eleva, honra e consola.

Sei, de ciência certa, que grande seria o orgulho do Gallotti pai, que deixou – tamanha a sua correção e autenticidade – marcas

indestrutíveis na Justiça catarinense, em assistir a este momento, a meu ver, de missão cumprida.

Senhoras e Senhores, deixa hoje esta Corte Especial, deixando brevemente o Superior Tribunal, o Ministro Paulo Gallotti, e, nesta despedida, não é minha pretensão dizer das obras pretéritas do amigo nem de sua carreira as etapas. Quero apenas expressar – o que entendo seja por unanimidade – o reconhecimento de todos nós pelo trabalho que, ao longo dos últimos dez anos, desenvolveu, com notável equilíbrio e discrição, no Superior Tribunal. Fica a lembrança de um bom combate, de carreira completa, fica a lição de alguém que jamais violou a fé que devia à Justiça! Disse Gallotti, e o que disse correu o Brasil, num dos grandes julgamentos do Superior Tribunal: “Dois anos de escuta é devassar a vida da pessoa de uma maneira indescritível. A pessoa passa a ser um nada.”

Falo-lhes, portanto, de um juiz perfeito, de inteligência sem cortinas, procurando eu aqui a expressão exata das minhas idéias; de alguém que reúne, em torno de si, aqueles requisitos anotados por filósofos clássicos para se julgar bem: a prudência, o raciocínio e a experiência. Os votos procedentes de suas mãos são eloquente testemunho de suas convicções, do poder de sua lógica e de sua prudência na interpretação da lei, sempre segundo a melhor justiça. Todos bem conhecemos a seriedade com que, de maneira intangível, Gallotti, dia após dia, neste Tribunal, aplicou o Direito, chegando a ser por muitos considerado o fiel da balança.

Aqui e acolá em seus escritos, também encontramos pedacinhos de sua acordada sensibilidade, de sua alma, de sua sabedoria e humildade. Sem nenhum exagero, digo-lhes, teremos um vazio da largueza dessa sensibilidade, e da altura dessa alma, e da profundidade dessa sabedoria e humildade! Sua presença entre nós é do tamanho de dez anos! Pensando nessas virtudes, lembro-me de Eliot, das imortais palavras do poeta, nesta ocasião, oportunas, bem oportunas: “A única

sabedoria que podemos pretender adquirir/É a sabedoria da humildade: a humildade é infinita.”

Agora Gallotti vai a outras jornadas, e a outros afazeres. A nossa história é assim: vai tomando contornos outros em papéis novos. O fato é que a vida vai, ela não volta, porque vivemos para adiante... E, quanto a essas idas para adiante, já dizia o eterno Machado: “Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior...” Não sei se tal regra se aplicaria a quem fez história de maneira exemplar, a quem, digamos sem hesitar, foi, em sua judicatura, magistrado fora de série, juiz completo. Se tivesse de resumir sua passagem por aqui, Gallotti, falaria de um tempo que muito rápido passou, mas que não se foi, pode acreditar. Amigos são para a vida toda.

É impossível, pois, esquecer as boas horas que tivemos de convivência. Também o é expressar o que realmente queremos dizer agora, o quanto queremos dizer antes que o Colega vá. Leve consigo as melhores recordações deste Tribunal, nossa Casa, porque conosco deixando está gratas lembranças! Ainda bem que Deus existe para tranquilizar a saudade!